

13º DIA DO JULGAMENTO DO ESCÂNDALO DAS "DÍVIDAS OCULTAS"

## Fabião Mabunda contradiz-se no esforço de afastar qualquer ligação entre o casal Leão e os 387 milhões MT que recebeu da Privinvest

- Antes do início das transferências milionárias do grupo Privinvest, a empresa de Fabião Mabunda (M Moçambique Construções Lda) só tinha mil meticais. Mas entre os dias 28 de Agosto de 2013 e 3 de Junho de 2014, a empresa recebeu mais de 387 milhões de meticais do grupo Privinvest. O Ministério Público não tem dúvidas de que o destinatário do dinheiro era o casal Gregório e Ângela Leão, mas Fabião Mabunda investe numa narrativa pouco convincente para negar até factos evidentes



Fabião Mabunda

- Ao contrário do que tinha avançado o CDD, Fabião Mabunda apresentou-se ao tribunal de fato laranja, dando a entender que continua detido. É provável que o reu não tenha conseguido juntar o valor de 10 milhões de meticais de caução arbitrada pelo Tribunal Supremo em Março deste ano. Ontem, o reu respondeu a 140 perguntas do Ministério Público durante nove (9) horas e hoje será interrogado pelo assistente (Ordem dos Advogados de Moçambique) e pela defesa.



Fabião Mabunda, 42 anos, engenheiro de construção civil, é proprietário da M Moçambique Construções Lda, empresa descrita pelo Ministério Público como tendo sido o veículo usado pelo antigo Director-geral do Serviço de Informação e Segurança de Estado (SISE), Gregório Leão, e sua esposa Ângela Leão, para o recebimento e gestão de cerca de nove (9) milhões de dólares (8.999.916,00 USD) do grupo Prinvest. O Ministério Público precisou de cerca de nove (9) horas para interrogar Fabião Mabunda, mas o “testa de ferro” do casal Leão não se abriu e negou todas as acusações. Respondendo às 140 perguntas do Ministério Público, o reu procurou sempre afastar qualquer ligação entre a família Leão e os milhões de dólares transferidos pelo grupo Prinvest para a sua empresa M Moçambique Construções Lda.

Começou por dizer que tem uma relação empresarial com Ângela Leão, mas negou ter relação com Gregório Leão. Conheceu a ré Ângela Leão em Dezembro de 2012 por intermédio de um colega de profissão, que o apresentou para que fizesse orçamento de

uma obra em Jonasse, Posto Administrativo de Matola-Rio, Distrito de Boane, Província de Maputo. Mais tarde viria a construir a casa de três pisos e um ginásio em Jonasse, duas casas de dois pisos e um condomínio de 10 apartamentos no Bairro Costa do Sol, Cidade de Maputo, para o casal Leão. De seguida foi questionado sobre a relação que existe entre a sua empresa M Moçambique Construções Lda com o projecto de protecção da zona económica exclusiva, ao que respondeu dizendo que não havia nenhuma relação.

Confrontado com dois subcontratos relativos à construção de infra-estruturas do projecto da zona económica exclusiva que ele mesmo assinou com empresas do grupo Prinvest, nomeadamente com Prinvest Shipbuilding (2 de Agosto de 2013) e com a Logistics International Sal (2 de Janeiro de 2014), o reu confirmou a assinatura dos subcontratos, mas disse que o objectivo dos subcontratos não foi executado. E veio a pergunta sobre como é que conheceu as duas empresas. “Em 2013 conheci dois sujeitos que se identificaram como sendo do grupo

Prinvest através de um colega, o arquiteto Nelson, que perdeu a vida entre 2015 e 2016. Estávamos no restaurante Sagres. Tivemos uma conversa que durou 15 minutos e eles perguntaram-me em que área trabalhava. Eu respondi que estava na construção civil e eles disseram que me iriam contactar para executar alguns projectos”.

A representante do Ministério Público confrontou o reu com a sua contestação à acusação provisória, onde constam informações que contradizem as suas declarações ao tribunal. Por exemplo, na sua contestação à acusação provisória, Fabião Mabunda disse que conheceu o grupo Prinvest através da ré Ângela Leão. O reu reagiu dizendo que a informação que consta da sua contestação não constitui verdade. Convidado a ler, o reu recusou-se, alegando que não tomou conhecimento do documento apresentado pelo seu advogado. “Abstenho-me de tudo que está escrito nessa contestação. Não tive conhecimento desse documento”.

Perguntado como é que comunicava com os representantes do grupo Prinvest, o reu respondeu que era através de telefone. O

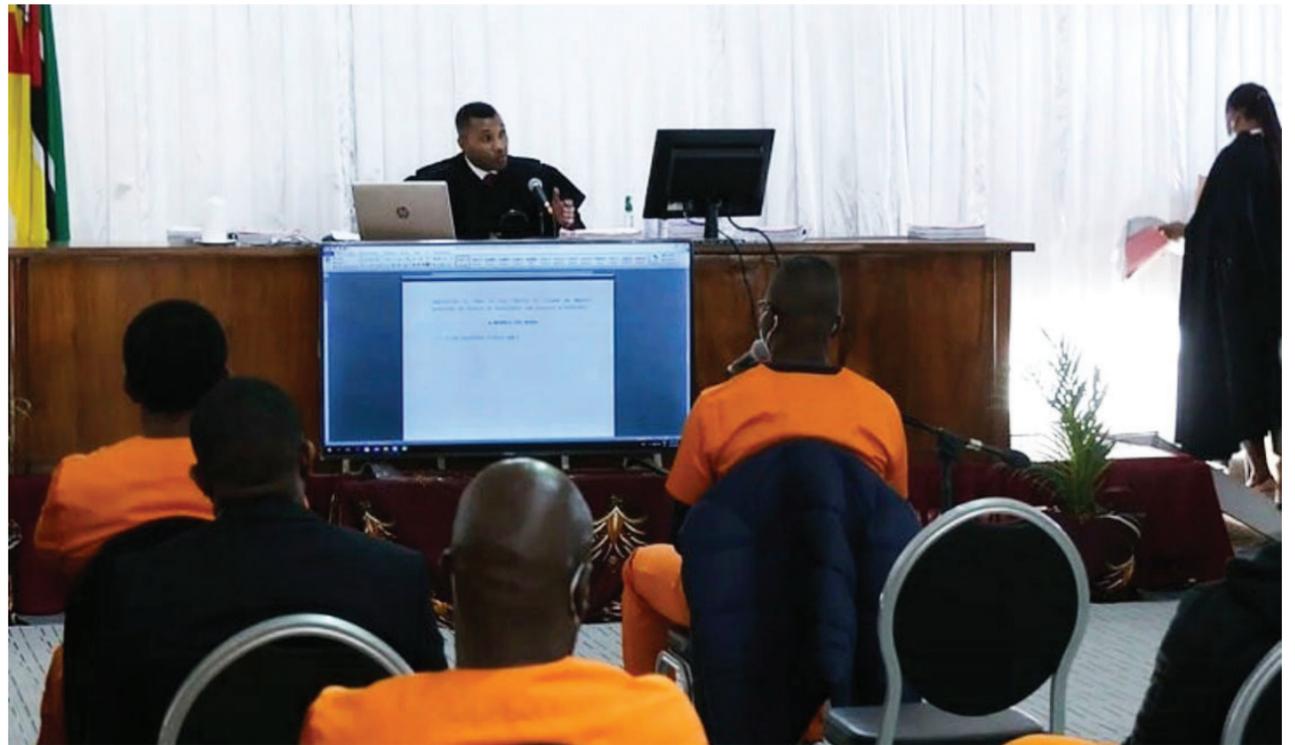
Ministério Público pediu que Fabião Mabunda indicasse os contactos dos representantes do grupo Prinvest, mas ele disse que já não se lembrava. “Desde 2013 até à altura em que fui detido perdi muitos telemóveis”. Mas nunca participou às autoridades a perda de telemóveis, supostamente porque as perdas sempre ocorriam depois de uma bebedeira. “Eu estava a beber, fiquei bem grosso e perdi telemóvel. Eu estava piff e não sei como desapareceram os telemóveis. Se chamar a minha esposa para perguntar quantas vezes cheguei à casa embriagado e sem telemóveis, ela vai se cansar de contar”.

Confirma ter recebido um total de 387.755.632,00 meticais do grupo Prinvest na conta da M Moçambique Construções Lda. A primeira tranche de um milhão de dólares foi transferido para a M Moçambique Construções Lda antes da assinatura do primeiro subcontrato com a Prinvest Shipbuilding e da definição dos termos de referência das obras a executar. “Eles informaram-me que iria receber dinheiro para as obras e que o resto iríamos tratar depois. E de seguida recebi uma chamada do banco Millennium Bim a pedir que eu justificasse a recepção do valor de um milhão de dólares. “Consultei o senhor Fawzy Bachir e ele entregou-me o contrato no banco e eu assinéi sem ler o conteúdo. Depois apresentei o contrato ao banco e as facturas como justificativo da recepção do valor”. Admitiu que a informação que consta das facturas não é verdadeira.

O reu conta que dias depois da recepção do valor de um milhão de dólares e enquanto aguardava pelos termos de referência para dar início às obras, Fawzy ligou-lhe a dizer que houve mudanças de planos e que ele devia devolver o dinheiro em dólares e em numerário. “Como eu tinha muito dinheiro em numerário que Ângela Leão me entregava para usar nas suas obras e para fazer pagamentos que ela ordenava, peguei nele e fui comprar dólares no Mercado Central e na casa de câmbios (Africâmbios). E usava o dinheiro enviado pelo grupo Prinvest para pagar despesas das obras da Ângela Leão e fazer transferências que ela ordenava”.

O subcontrato faz referência a infra-estruturas de protecção da zona económica exclusiva, mas o reu disse que as obras a executar eram de manutenção da doca do Porto de Maputo. O mesmo subcontrato celebrado com a Prinvest Shipbuilding tinha como valor a pagar 3.510.000 dólares, mas a M Moçambique Construções Lda acabou recebendo cerca de quatro (4) milhões de dólares. O Millennium Bim alertou que o valor que estava a receber era superior ao contrato. E que ele usou a mesma factura para justificar três pagamentos.

Depois de tanto esforço para ocultar a relação entre Ângela Leão e o grupo Prinvest, o reu foi confrontado com troca de emails com a ré, abordando assuntos relacionados



**“Desde 2013 até à altura em que fui detido perdi muitos telemóveis”. Mas nunca participou às autoridades a perda de telemóveis, supostamente porque as perdas sempre ocorriam depois de uma bebedeira. “Eu estava a beber, fiquei bem grosso e perdi telemóvel. Eu estava piff e não sei como desapareceram os telemóveis. Se chamar a minha esposa para perguntar quantas vezes cheguei à casa embriagado e sem telemóveis, ela vai se cansar de contar”.**

com transferência de dinheiro do grupo Prinvest para a M Moçambique Construções Lda. Por exemplo, a 12 de Maio de 2014, Ângela Leão enviou um email solicitando que o reu Fabião Mabunda confirmasse a recepção de 1.700.000 dólares do grupo Prinvest. Mas o reu respondeu que não chegou de ver o email. “Troquei muitos emails com ela e não me lembro de ter visto um email relacionado com o grupo Prinvest”. Perguntado se o valor de 1.700.000 dólares foi transferido para a conta da sua empresa, o reu disse que não sabia responder. Mas quando confrontado com dados bancários da M Moçambique Construções Lda, confirmou a recepção do valor no dia 13 de Maio de 2014. Mas disse que não tinha nenhuma explicação em relação ao facto de o valor ter sido transferido um dia depois da troca de emails com Ângela Leão.

A M Moçambique Construções Lda recebeu, através de três transferências efectuadas nos dias 6 de Abril, 12 de Maio e 20 de Maio de 2015, um total de 2.699.915,22 euros da Txopela Investments, empresa ligada ao reu António Carlos do Rosário. Trata-se de valores que a Txopela Investments recebeu de uma das empresas do grupo Prinvest. Fabião Mabunda confirmou a recepção do valor, mas disse que a sua empresa M Moçambique Construções não tem nenhuma relação com a Txopela Investments. “Fawzy alegou que o grupo Prinvest também estava a colaborar com algumas instituições moçambicanas e que eu iria receber dinheiro dessas instituições”. Desta vez não exigiu contrato para apresentar ao banco como justificativo. “Fawzy sempre dizia que o dinheiro era para a execução de obras na doca do Porto de Maputo, mas depois ele fazia desvio de aplicação”.

A uma pergunta do Ministério Público, o reu disse que não interagiu com ninguém da empresa Txopela Investments no âmbito da

recepção dos cerca de 2,7 milhões de euros. “Quando Fawzy falou comigo, eu passei-lhe os dados bancários da minha empresa e dias depois vi o valor reflectido na conta”. Disse que não conhecia o reu António Carlos do Rosário até à data da sua prisão na cadeia de Língamo, na Matola. Depois de receber dinheiro da Txopela Investments, o reu transferiu o equivalente a 9.250.000 meticais à empresa CIMAC Imobiliária para a compra de um imóvel localizado na esquina entre as Avenidas Tomás Nduda e Mao Tse Tung, na Cidade de Maputo. O Ministério Público disse que a casa foi comprada a favor de Ângela Leão.

Antes do início das transferências do grupo Privinvest, a M Moçambique Construções Lda só tinha mil meticais na conta bancária. A primeira transferência para a M Moçambique Construções Lda ocorreu duas semanas depois de o grupo Privinvest ter recebido 32 milhões de dólares provenientes do banco Credit Suisse no âmbito do aditamento do contrato entre a ProIndicus e Privinvest, a 14 de Agosto de 2013. A segunda transferência ocorreu a 5 de Setembro de 2013, a mesma data em que a Credit Suisse transferiu 500 milhões de dólares para o grupo Privinvest, no âmbito do contrato celebrado com a EMATUM. Já o terceiro pagamento para a M Moçambique Construções Lda, datado de 30 de Abril de 2014, ocorreu uma semana depois de o banco russo VTB ter transferido 435 milhões de dólares no âmbito do contrato celebrado com a MAM. Sobre estas coincidências, o reu disse que cabe ao grupo Privinvest explicar o facto.

Outras coincidências estranhas estão relacionadas com as datas em que Fabião

Mabunda transferiu um total de 26.709.475 meticais para a conta do reu Sidónio Siteo. Isto é, a 28 de Agosto de 2013 a M Moçambique Construções Lda recebeu um milhão de dólares do grupo Privinvest e no dia seguinte transferiu mais de 11 milhões de meticais para Sidónio Siteo; no dia 5 de Setembro de 2013 a M Moçambique Construções Lda recebeu um milhão de dólares do Privinvest e no dia seguinte transferiu mais de 15 milhões para Sidónio Siteo. O Ministério Público disse que o dinheiro de 26,7 milhões de meticais destinava-se ao pagamento da vivenda de três pisos localizada no Bairro Costa do Sol, comprada a favor da ré Ângela Leão.

Mas Fabião Mabunda tem outra explicação: “Eu tinha valores em numerário da senhora Ângela e ela pediu que eu pagasse ao Sidónio Siteo. Pedi a conta de Sidónio e transferi o valor para ele, usando o dinheiro recebido do grupo Privinvest. Então, peguei no valor em numerário, converti em dólares e entreguei ao Fawzy”. Questionado quanto dinheiro a ré Ângela Leão lhe entregou em numerário, o reu respondeu que foram 22 milhões de meticais. Disse ainda que Ângela Leão lhe entregou dinheiro dias antes da transferência de valores pelo grupo Privinvest para a sua empresa M Moçambique Construções Lda. “Fui buscar o valor no escritório dela e só estávamos nós os dois. Entregou-me o dinheiro para fazer pagamentos em função das orientações que ela iria dar. Guardei o dinheiro num cofre metálico móvel. Quem fazia a movimentação do valor era o meu irmão, mas já faleceu”.

O reu Fabião Mabunda voltou a transferir nove (9) milhões de meticais para a conta de

Sidónio Siteo e depositou outros 12 milhões de meticais na mesma conta para o pagamento de dois imóveis localizados na Ponta D’Ouro, Distrito de Matutuine, Província de Maputo. Em resposta a uma pergunta do Ministério Público, o reu disse que foi Ângela Leão quem o instruiu a transferir dinheiro para Sidónio Siteo. “Além dos 22 milhões de meticais, Ângela Leão voltou a dar-me mais dinheiro em numerário. Foram várias vezes que recebi dinheiro em numerário da Ângela Leão, mas já não me recordo dos valores e nem das datas”.

No seu computador portátil apreendido pelas autoridades, foi encontrado um documento – mapa- que descreve a forma como ele gastou o dinheiro que recebeu do grupo Privinvest. Mas o reu disse que não conhece o documento e nem sabe quem o produziu. Chegou a insinuar que o documento pode ter sido introduzido no seu laptop. “A Procuradoria-Geral da República apreendeu o meu computador e eu forneci as minhas senhas. Nunca fui chamado para assistir a pesquisa de documentos no meu computador”. O Ministério Público confrontou-o, mais uma vez, com a troca de emails com a ré Ângela Leão abordando assuntos relacionados com a transferência de valores do grupo Privinvest. Dias depois de Mabunda enviar um email para Ângela Leão com a factura de dois milhões de dólares no âmbito do contrato com Privinvest, este grupo transferiu 1.699.000 dólares para a conta da M Moçambique Construções Lda. “Não reconheço que tenha sido eu a enviar esse email. Em nenhuma eu cheguei a enviar emails para Ângela Leão sobre o grupo Privinvest”, reagiu o reu.



**INFORMAÇÃO EDITORIAL:**

<p><b>Propriedade:</b> CDD – Centro para Democracia e Desenvolvimento</p> <p><b>Director:</b> Prof. Adriano Nuvunga</p> <p><b>Editor:</b> Emídio Beula</p> <p><b>Autor:</b> Emídio Beula</p> <p><b>Equipa Técnica:</b> Emídio Beula, Ilídio Nhantumbo, Isabel Macamo, Julião Matsinhe, e Ligia Nkavando.</p> <p><b>Layout:</b> CDD</p>	<p><b>Contacto:</b> Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo. Telefone: +258 21 085 797</p>	<p><b>CDD_moz</b></p> <p><b>E-mail:</b> info@cddmoz.org</p> <p><b>Website:</b> http://www.cddmoz.org</p>
--	--	--

**PARCEIRO PROGRAMÁTICO**



**PARCEIROS DE FINANCIAMENTO**

